

'CERCO TOTAL' A GAZA

Israel corta luz, água, comida e combustíveis e mobiliza 300 mil militares para invasão



Pais em choque. Pais e amigos participam, em Jerusalém, do enterro de um militar morto nos ataques do Hamas no sábado; número de vítimas fatais em Israel chega a 900, com 2.400 feridos

COMANDO DE GAZA E JERUSALÉM

Dois dias após sofrer o maior ataque em cinco décadas — com pelo menos 900 mortos e mais de 2.400 feridos em 22 localidades do sul e do centro do país — Israel anunciou ontem a mobilização de 300 mil reservistas em tempo recorde e decretou "cerco total" à Faixa de Gaza com corte de energia, combustíveis, água e alimentos. O território palestino é governado desde 2007 pelo grupo terrorista Hamas, responsável pelos ataques de sábado, quando cerca de mil militantes extremistas cruzaram a fronteira e invadiram Israel, espalhando terror e morte, e uma chuva de 2.500 a 5 mil foguetes caiu sobre cidades e vilarejos israelenses. A resposta de Israel já deixou quase 700 mortos em Gaza. O total de feridos dos dois lados chega a 5.300.

— Estamos impondo um cerco total a Gaza. Sem eletricidade, sem comida, sem água, sem gás, tudo bloqueado — disse o ministro israelense da Defesa, Yoav Gallant, em vídeo. — Estamos lutando contra animais e agimos em conformidade. O Exército de Israel disse

ontem que recuperou totalmente o controle das localidades invadidas pelos terroristas, que no domingo ainda combatiam em sete vilarejos e pequenas cidades. No entanto, continuaram disparos de foguetes contra alvos no sul e no centro de Israel, que também sofreu um ataque no norte, na fronteira com o Líbano, abrindo uma segunda frente de tensão.

SIRENES EM JERUSALÉM

Em Jerusalém, sirenes de alerta antiaéreo foram acionadas por volta do meio-dia ontem (6h Brasília) pela primeira vez em 50 anos, seguidas rapidamente por várias explosões. De acordo com o jornal Haaretz, 10 pessoas ficaram feridas, duas delas em estado grave. Também soaram sirenes em Tel Aviv e Ra'anana, além de outras localidades.

Com a recuperação total do controle dos locais atacados, aumenta o número de mortos no país. No kibutz de Be'eri, perto de Gaza, foram encontrados 108 corpos, cerca de 10% da população. Enquanto isso, as Forças Armadas de Israel continuam a se concentrar na fronteira do território palestino, à espera da ordem de invasão. A mobilização de

300 mil reservistas em 48 horas foi a mais rápida da História do país — na Guerra do Yom Kippur, em 1973, foram 400 mil reservistas mobilizados durante todo o conflito.

Em discurso a prefeitos das cidades do sul, na área atacada pelos terroristas, o premier Benjamin Netanyahu prometeu mão dura na resposta.

— O que o Hamas vai experimentar será difícil e terrível. Vamos mudar o Oriente

Médo — ameaçou ele, acrescentando mais tarde num pronunciamento pela TV que Israel "vai lutar uma guerra pela nossa existência".

O premier exortou a oposição a juntar-se a ele em um "governo de emergência de unidade nacional sem condições". O líder da oposição, Yair Lapid, já fizera o apelo ao premier em reunião no próprio sábado após os ataques, mas exige a saída dos integrantes de extrema

direita no Gabinete.

Por sua vez, Gaza, que tem 2,3 milhões de habitantes, sofreu pesados bombardeios ontem, com 500 alvos atingidos. O Hamas ameaçou executar um refém israelense para cada ataque que as forças do país realizarem contra o território. Ao todo, cerca de 150 pessoas foram sequestradas em Israel no sábado e levadas para Gaza, onde o grupo terrorista espera usá-las como moeda de troca por pri-

sioneiros palestinos encarcerados em prisões israelenses.

"Qualquer ataque a civis inocentes sem aviso prévio será enfrentado infelizmente com a execução de um dos reféns sob nossa custódia, e seremos forçados a transmitir esta execução", disse Abu Obeida, porta-voz do Hamas.

O grupo terrorista afirmou ontem que quatro reféns israelenses já morreram nos bombardeios de Gaza por Israel. Um membro do alto escalão disse que o Hamas está aberto a discussões sobre uma possível trégua com Israel. Moussa Abu Marzouk afirmou em entrevista à rede de televisão Al Jazeera que o Hamas já considerava "algo desse tipo". Netanyahu, no entanto, já declarou que a ofensiva contra o Hamas em Gaza só vai terminar quando o país atingir todos os seus objetivos.

Em meio ao conflito, membros da comunidade internacional estão mobilizados em diferentes frentes na tentativa de evitar uma escalada de hostilidades ainda maior no Oriente Médio. Ontem, representantes do governo do Catar, um dos principais financiadores do Hamas em Gaza, iniciaram uma tentativa de mediação de troca de prisioneiros palestinos por reféns israelenses, algo que nenhum dos lados parece inclinado a aceitar.

IRÃ NEGA PAPEL NO ATAQUE

De acordo com fontes ouvidas em anonimato por agências estrangeiras, representantes do governo do Catar instaram os militantes palestinos a liberarem crianças e mulheres, que seriam trocadas por 36 mulheres e crianças palestinas detidas em Israel. Uma fonte citada pela agência chinesa Xinhua confirmou o plano, no domingo, e disse que a negociação conta com apoio dos EUA. As chances de um acordo no momento, contudo, parecem nulas. Uma fonte do governo israelense, ouvida pela Jewish News Syndicate, negou qualquer intenção do país em negociar uma troca de prisioneiros ou manter qualquer janela de diálogo com os extremistas. Um representante político do Hamas, Hossam Badran, também disse não ter interesse no acordo.

Em Teerã, o governo iraniano rebateu ontem acusações de que teria ajudado a planejar e autorizado o ataque-surpresa do Hamas a Israel em uma reunião em Beirute, no Líbano.



Destruição. Palestinos buscam sobreviventes após um ataque israelense ao campo de refugiados de Jabalia, em Gaza

Confronto na divisa com Líbano

> Um comunicado do Exército israelense informou ontem que seus soldados "mataram vários suspeitos armados" que cruzaram a fronteira do Líbano, citou a AFP. Disparos foram feitos por soldados israelenses próximo à cidade de Marwahin, segundo relatos libaneses feitos ao Haaretz, e helicópteros de Israel atacaram a área.

> A operação frustrada foi reivindicada pelo braço armado do grupo palestino Jihad Islâmica. Cinco combatentes do grupo e um vice-comandante israelense foram mortos.

> Uma autoridade local teria informado também à agência francesa que Israel bombardeou

o sul do Líbano. Sirenes de alerta de bombardeios soaram no norte de Israel, próximo à fronteira com o país, informou a al-Jazeera. "As brigadas al-Quds reivindicam a responsabilidade pela operação da tarde na fronteira sul do Líbano", disse o grupo islâmico em nota.

> A Jihad Islâmica é uma organi-

zação palestina fundada em 1981 que recebe apoio do Irã e tem comprometimento com a resistência armada contra Israel.

> O Líbano é a sede do grupo armado Hezbollah, que reivindicou ataques feitos contra Israel na manhã de domingo. Foram lançados mísseis e houve fogo de

artilharia contra três pontos nas Fazendas de Shebaa, disputada região na fronteira entre os dois países.

> De acordo com o Hezbollah, que também atua como um partido político, o ataque foi uma demonstração de "solidariedade" ao povo palestino.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 16